

A KÉNOSIS DE ABRAÃO COMO PREFIGURAÇÃO DO SACRIFÍCIO SALVÍFICO DE CRISTO

Maria de Lourdes dos Santos SOUZAⁱ

Leonardo José de MELLOⁱⁱ

RESUMO

A vocação de Abraão, o primeiro patriarca, tem um lugar especial nas gerações posteriores herdeiras da promessa, pois além de ser o primeiro chamado vocacional nas Sagradas Escrituras, representa o exemplo de uma pronta resposta, sem medo e com uma profunda esperança em Deus por meio de sua fé. A sua atitude de dizer sim aos desígnios divinos gerou um importante elo da Aliança entre Deus e o povo eleito, em virtude de tal gesto garantiu várias bençãos para toda a sua descendência, se estendendo mais tarde, à toda as gerações. Acolhendo a Palavra de Deus foi capaz de renunciar ao seu próprio filho Isaac para o oferecer em sacrifício, fato esse que se tornou no Antigo Testamento a prefiguração do sacrifício salvífico de Jesus na Cruz, o cumprimento pleno da Aliança de Deus com todos os seres humanos. Como a fé abraâmica foi capaz de oferecer o seu unigênito em sacrifício, Deus em seu amor infinito assumiu a condição humana e se entregou, por meio de Cristo, para a remissão dos pecados de todo o gênero humano. Eis o verdadeiro sentido da kénosis, que aproxima Abraão e Jesus.

Palavras-chave: Kénosis. Abraão. Prefiguração. Sacrifício. Jesus Cristo.

ⁱ Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio (2006). Docente do Centro Universitário Academia - UniAcademia. E-mail: <mlssouza@terra.com.br>.

ⁱⁱ Discente em Teologia no Centro Universitário Academia - UniAcademia. E-mail: <leonardojosedemello@gmail.com>.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como intenção relacionar o chamado de Abraão, o primeiro patriarca, principalmente nos aspectos da sua renúncia e do oferecimento de seu filho em sacrifício, com a doação da vida de Jesus Cristo na Cruz. O trabalho investigativo se pautou na problemática: Qual a relação que pode ser estabelecida entre a Kénosis de Abraão e o sacrifício salvífico de Jesus Cristo? A hipótese sustentada é que a partir da kénosis abraâmica: a renúncia de si mesmo e de seu filho Isaac, se entregou completamente a Deus, sem reservas. Partindo de tal gesto abraâmico é possível traçar um paralelo com a auto aniquilação de Jesus Cristo na Cruz. O caminho metodológico necessário para essa tarefa se inicia com os aspectos históricos, familiares e culturais que envolvem o chamado de Abraão. Em um segundo momento, é abordado a vinda de Cristo e sua missão como o cumprimento da Aliança de Deus com Abraão e com os seus descendentes. Por fim, será conceituado a palavra kénosis e como tal termo foi associado primeiro a Cristo e, posteriormente, associado a Abraão. E, como a partir dessa atitude abraâmica de esvaziamento da sua vontade, para fazer a vontade de Deus, se tornou prefiguração do sacrifício salvífico de Jesus Cristo.

2 O CHAMADO DE ABRAÃO

A vocação de Abraão¹, no relato bíblico, inicia-se com o convite de Deus à missão, conforme descreve o livro do Gênesis:

O Senhor disse a Abrão: sai de tua terra natal, da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Farei de ti um grande povo, te abençoarei, tornarei famoso o teu nome, que servirá de bênção. Abençoarei quem te abençoar, amaldiçoarei quem te amaldiçoar. Em teu nome serão abençoadas todas as famílias do mundo (Gn 12, 1-3).

Percebe-se que é uma iniciativa única da parte de Deus, Ele escolhe Abraão para que a partir dele o seu projeto salvífico pudesse se concretizar. Como todo ser humano, Abraão teve a liberdade para escolher o seu caminho, mas como homem

¹ O primeiro nome é Abrão, que no contexto bíblico mais adiante será mudado para Abraão (Cf. Gn 17, 5). Entretanto, como recurso metodológico será utilizado o nome mais extenso: Abraão, exceto nas citações.

de fé e temente a Deus, deu o seu sim para a missão; mesmo sem garantias acolheu e confiou plenamente no desígnio divino.

No convite à Abraão, Deus faz três promessas: 1) uma descendência numerosa (Cf. Gn 17, 2-7); 2) a terra para Abraão e seus descendentes (Cf. Gn 15, 18-21; 17, 8); 3) a bênção, através dele, para todas as famílias da Terra (Cf. Gn 12, 3). A partir dessas promessas, constata-se a proposta e a realização de uma Aliança entre Deus e o povo de Israel, partindo da disposição do primeiro patriarca, todas as outras nações seriam abençoadas. Esse pacto divino com o humano foi instaurado em forma de uma promessa absoluta e irreversível, porque Deus se revelou e indicou os passos necessários para que o humano sempre caminhasse na sua presença. Do ponto de vista divino para que a Aliança pudesse se cumprir era necessária uma reposta de fé, colocar-se a caminho, confiar na Palavra de Deus em uma situação humilde e disposta de todo o coração, a fim de que Deus liberte e salve o seu povo.

Para que as promessas de Deus pudessem ecoar na vida e nas gerações futuras de Abraão, foi necessário que ele renunciasse a alguns laços importantes que o envolvia: a saída de sua terra natal e o rompimento dos vínculos familiares, com o único propósito de encontrar a terra que o Senhor lhe prometeu. A atitude de fé abraâmica é significativa, pois Abraão não tinha garantias, confiou plenamente na Palavra de Deus, preenchido de uma profunda esperança. Outros fatores que colaboram ou contribuem para a importância de tal gesto foram: a idade avançada de Abraão (75 anos) e a esterilidade de sua esposa Sara (Cf. Gn 11, 30), sobretudo o segundo aspecto, uma vez que:

[...] a esterilidade era um problema sério, pois impedia a continuidade da descendência, tanto que, se a esposa não lhe desse filhos, o marido tinha o direito de buscar outra mulher para garantir a descendência e, com isso, assegurar a continuidade do seu nome. O Senhor lhe promete que sua descendência será grande: “Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar... Assim será a tua posteridade” (Gn 15,5) (PERONDI, 2013, p. 330, grifo do autor).

Mesmo em meio a essas renúncias, a resposta positiva de Abraão a Deus abre o horizonte do ser humano para um caminho de fé. A partir da sua confiança na Palavra divina ensinou que essa virtude é um processo, um pôr-se a caminho sem medir esforços. Esse gesto de fé foi reconhecido pelos estudiosos e exegetas da

Bíblia como o modelo dos chamados, o que, inclusive, permitiu a atribuir a Abraão, o primeiro patriarca, o título de pai da fé de todo o povo de Deus, pois a partir do seu sim, ocorreu a inserção de Deus na história humana. Assim, na figura de Abraão tem início a história entre Deus e Israel (PERONDI, 2013).

Observada a importância da vocação de Abraão e do seu gesto de fé são necessárias as seguintes reflexões: quem foi Abraão? E por que ele foi o escolhido para ser o primeiro patriarca, o pai da fé de todo o povo de Deus? De onde ele veio? O que Deus pretendeu ao chamar Abraão?

Abraão, de acordo com o livro de Gênesis, é filho de Taré², descendente de Sem, filho de Noé. Mas, sobre o nome de sua mãe não há relatos ou alguma indicação de quem pudesse ser. Além de Taré, seu pai, tinha dois irmãos: Nacor e Arã, este que foi o pai de Ló. Abraão se casou com Sarai, que assim como ele, tem seu nome, mais tarde, alterado, passando a se chamar Sara (Cf. Gn 17, 15); naquele momento ela era considerada estéril e por isso não podia gerar filhos. Além desses familiares,

[...] Abraão tem seu primeiro filho, chamado Ismael, com Agar, sua serva (Gn 16), numa tentativa de suscitar descendência, seguindo o costume da época, mas o filho que lhe dará a descendência prometida será com Sara e se chamará Isaac (Gn 17,19). Segundo a tradição sacerdotal, depois da morte de Sara, Abraão tomou por esposa Cetura, com a qual teve seis filhos (Gn 25,1-6) (PERONDI, 2013, p. 333, grifo do autor).

Abraão juntamente, com sua esposa Sara e seu sobrinho Ló, dirigiu-se em direção a Canaã. Depois de um período como migrante eles se estabeleceram em Harã, cidade situada no norte da Mesopotâmia (Cf. Gn 12, 4). “Chegando a Siquém, Abraão começa a sua peregrinação já dentro da terra da promessa e, por onde passa, nas cidades cananeias, constrói altares celebrando seu Deus” (PERONDI, 2013, p. 332). A construção dos altares dedicados ao Senhor pelo caminho reforça uma parte da proposta de evangelização de Abraão: mesmo em meio às religiões politeístas e idólatras da época está buscando apresentar a adoração exclusiva do Deus que o chamou.

Continuando a sua missão, Abraão, deslocou-se para o Egito devido à uma grande fome onde ele havia se estabelecido. Junto aos egípcios, Abraão conseguiu alguns bens e voltou para Canaã. Após seu retorno, separou-se de Ló, que escolheu

² Em algumas traduções das Sagradas Escrituras pode ser encontrada a tradução do nome por *Terah*.

o Leste estabelecendo-se no vale do Jordão, fixando-se próximo a Sodoma. Abraão levantou acampamento e fixou-se no carvalho de Mambré (Cf. Gn 13, 18).

No episódio do conflito com Ló (Gn 13), percebemos que Abraão é um homem justo e que busca a paz. Por ser chefe do clã, poderia ter escolhido os melhores campos, mas deixa o melhor para Ló, para evitar brigas entre irmãos: “Que não haja discórdia entre mim e ti, entre meus pastores e os teus, pois somos irmãos!” (Gn 13,8) (PERONDI, 2013, p. 333, grifo do autor).

Depois dos acontecimentos³ do resgate de seu sobrinho Ló e de seus bens, Abraão recebe em uma visão a Palavra do Senhor que apresentava novamente a promessa de uma descendência numerosa e a posse da terra. Nessa visualização abraâmica, o Senhor faz uma Aliança com Abraão unindo a descendência patriarcal e a promessa da terra (Cf. Gn 15, 1-21).

Sara percebendo que não podia ter filhos decide orientar seu esposo Abraão a se deitar com sua escrava, Agar, como era o costume da época, com a intenção de gerar descendência. Dessa união nasceu Ismael. Agar já grávida perde o respeito de Sara. Esta, por sua vez, passa a maltrata-la, a ponto da escrava fugir. O anjo do Senhor a alcançou e pediu que retornasse, pois trazia a mensagem divina com a promessa de que a sua descendência também seria numerosa e que seu filho chamaria Ismael. Agar ao ouvir as palavras do anjo invocou o nome do Senhor. Ismael nasceu quando Abraão tinha oitenta e seis anos (Cf. Gn 16, 1-16).

Após tais acontecimentos, o Senhor aparece a Abraão e lhe disse: “Eu sou Deus Todo-poderoso. Anda de acordo comigo e sê honrado, e farei uma Aliança contigo: farei que multipliques sem medida” (Gn 17, 1-2). Abraão sem palavras, se prostra diante de Deus, que continua: “Olha esta aqui é minha Aliança contigo, serás pai de uma multidão de povos. Já não chamarás Abrão, mas Abraão⁴, porque te faço pai de uma multidão de povos” (Gn 17, 4-5). Nessa passagem, Deus manifesta a

³ Após o rei Codorlaomor e seus reis aliados terem tomado posse de Sodoma e Gomorra com todas provisões, Ló por habitar em Sodoma foi levado, juntamente com os seus bens, para se tornar escravo. Mas, após Abraão ficar sabendo do ocorrido reuniu seus escravos e foi libertar o seu sobrinho (Cf. Gn 14, 1-17).

⁴ São interessantes algumas interpretações judaicas que entendem que a verdadeira mudança no nome aconteceu com a inclusão da letra “H” no nome de Abraão, que é uma das letras do Tetragrama do Nome de Deus (YHWH). A transliteração correta do hebraico é Abrâm, que passa a ser Abrahâm. O mesmo acontece com Sarai, que passa a se chamar Sarah (Gn 17,15). Essa operação estaria ligada à Aliança, cujo símbolo é a circuncisão (Gn 17,10); enquanto Abraão traz na carne o selo de pertença ao seu Deus (que seria a participação humana no pacto com Deus), o Senhor, em correspondência, incluiria parte do seu nome no nome de Abraão (PERONDI, 2013, p. 334, grifo do autor).

sua vontade de fazer uma Aliança com Abraão e toda a sua descendência, de estabelecer um vínculo perpétuo, no qual Deus seria único e ainda daria Canaã como propriedade permanente. O sinal dessa Aliança seria a circuncisão de todos os meninos (Cf. Gn 17, 10-13).

Continuando o diálogo com Abraão, Deus lhe disse: “[...] Sarai, tua mulher, já não se chamará Sarai, mas Sara. Vou abençoá-la, e ela te dará um filho, e eu o abençoarei; dela nascerão povos e reis de nações” (Gn 17, 15-16). Na época Abraão tinha cem anos e sua esposa noventa anos, então, voltou-se para Deus e o indagou como seria possível gerar um filho na velhice e pediu a Deus que protegesse seu filho Ismael e isso já lhe faria feliz:

Deus replicou: - Não. É Sara quem vai te dar um filho, a quem chamarás Isaac; com ele estabelecerei minha Aliança perpétua. Quanto a Ismael, atendo ao teu pedido: eu o abençoarei, o tornarei fecundo, farei que se multiplique imensamente, gerará doze príncipes, e farei dele um povo numeroso. Mas minha Aliança eu a estabeleço com Isaac, o filho que Sara te dará no ano que vem, por este tempo (Gn 17, 19-21).

Na conversa com Abraão, Deus demonstra que vai agir e fazer que se cumpra as suas promessas, pois o seu poder se revela na impotência humana, Ele queria apenas o sim de Abraão, que ele acreditasse em seus desígnios, pois “[...] o Senhor nunca cessa de guiar seres humanos que o ouvem” (HOUSE, 2005, p. 94). As promessas de herdeiro, terra, nação e benção exigem de Abraão uma atitude de fé, porque suas esperanças devem ter segurança em Deus e não em circunstâncias incertas. “Uma fé menor possivelmente não o levaria a aceitar sinais exteriores, como a circuncisão, ou a aceitar ordens, como deixar sua terra natal ou, em particular, sacrificar seu filho” (HOUSE, 2005, p. 95).

O Senhor no carvalho de Mambré aparece a Abraão, junto a dois anjos para lhe dar novas orientações. Depois de acolher os viajantes, Abraão fica a sós com o Senhor, que lhe revela que Sara teria um filho seu como havia prometido. Sara riu e duvidou da Palavra divina, mas foi repreendida, pois para Deus nada seria impossível (Cf. Gn 18, 1-15). Após esses fatos, Abraão ficou sabendo que Sodoma e Gomorra seriam destruídas, pois todo o seu povo estava pecando contra Deus. Abraão intercede pelos justos dessas cidades e pede que a vida deles fossem poupadas (Cf. Gn 18, 16-33).

Continuando o percurso das Sagradas Escrituras, Abraão levanta seu acampamento e se dirige ao Negueb, instalando-se entre Cades e Sur. E é, justamente, nessa região que a vontade divina se cumpre e nasce o herdeiro, o qual Abraão coloca o nome de Isaac, conforme Deus pediu (Cf. Gn 21, 1-6). Superado os perigos da infância, havia um costume local de realizar uma festa em comemoração de sua vida. Em meio aos festejos, Sara percebeu que Isaac brincava com Ismael, o filho de Abraão com Agar, e ficou com receio de Ismael também ser considerado herdeiro junto com Isaac. Então, ela pede a Abraão que despeça Agar e o seu filho.

Abraão teve desgosto ao despedir os dois, mas assim o fez, pois o Senhor interviu, dizendo: “[...] não te aflijas pelo menino e pela escrava. Em tudo o que te disser, dá atenção a Sara. Pois, é Isaac quem prolongará tua descendência. Mas, também do filho da escrava farei um grande povo, pois é teu descendente” (Gn 21, 12-13). Abraão confiando em Deus, despediu Agar e Ismael, e o Senhor fez cumprir a sua Palavra, a todo momento acompanhou os dois e nos momentos difíceis demonstrou a sua fidelidade.

Mais tarde, aos 127 anos falece Sara, esposa de Abraão. Este, por sua vez, quis honrá-la com um sepultamento digno. Com essa intenção, procurou os heteus em Hebron e comprou deles uma sepultura para deixar a sua esposa. Os heteus demonstraram um profundo respeito por Abraão e quiseram ofertar a ele a terra para sepultar sua mulher. No entanto, Abraão não aceitou a oferta, preferindo comprá-la (Cf. Gn 23, 1-20). Abraão ainda tomou por esposa Cetura, gerando outros descendentes: Zamrã, Jecsaã, Madã, Madiã, Jesboc e Sué (Cf. Gn 25, 1-2).

Completada a sua missão, Abraão tornou Isaac herdeiro de suas promessas e veio a falecer com 175 anos (Cf. Gn 25, 5-9). Isaac e Ismael o sepultaram junto com sua esposa Sara. Dessa forma, finaliza-se o ciclo do primeiro patriarca, o pai da fé do povo de Deus: Abraão.

A vocação de Abraão é um dos modelos vocacionais nas Sagradas Escrituras que tem uma posição de destaque não apenas por ser o primeiro chamado, mas também por servir como inspiração e motivação para os demais. Como pode ser destacado:

Abraão é citado 233 vezes em todo o Antigo Testamento (62 vezes como Abraão); fora do seu ciclo, quando é citado, é para recordar “o Deus de Abraão”, sua descendência, a Aliança que Deus estabeleceu com ele ou então as promessas feitas a ele. [...] Fato este que reforça ainda mais a

missão abraâmica. No Novo Testamento, seu nome é citado 78 vezes e, ao lado de Moisés, é a figura do Antigo Testamento mais recordada. Os Evangelhos reconhecem sua importância na história da salvação (Mt 8,11; Mc 12,26; Lc 16,22ss; 19,19), embora Jesus seja superior a ele (Jo 8,52-59) (PERONDI, 2013, p. 340, grifo do autor).

Abraão é um personagem encantador e desafiador, porque sua docilidade, sua pronta resposta para com Deus e o seu chamado encoraja a sua descendência a partir em busca do novo, do que há de vir. Abraão ultrapassa o ciclo patriarcal. A sua fidelidade ao Senhor marcou as fases posteriores da história do povo de Deus. O primeiro patriarca percorre os textos bíblicos e interage com o Novo Testamento com sua fidelidade ao projeto salvífico de Deus, que tem o ápice na encarnação de Jesus Cristo e na sua entrega na Cruz (PERONDI, 2013).

3 JESUS CRISTO: O CUMPRIMENTO DA ALIANÇA

Deus ao escolher Abraão e fazer com ele uma Aliança, revelou-se e agiu na história por meio dos Patriarcas, de Moisés, dos Profetas e, por fim, de Jesus Cristo – o Seu Filho. “Abraão é uma bênção para todas as nações porque Jesus Cristo é o verdadeiro descendente de Abraão. Há uma Aliança a unir as duas economias da Bíblia” (CARNELL, 1959 apud HOUSE, 2005, p. 95).

Para compreender a relação entre a Kénosis⁵ de Abraão e o sacrifício de Jesus Cristo é importante destacar a vida e a missão do Filho de Deus encarnado, como Ele se tornou o cumprimento da promessa feita a Abraão, conforme indica Paulo em sua carta aos Gálatas: “[...] as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência: não se diz descendentes, no plural, mas no singular e a teu descendente, que é Cristo” (Gl 3, 16). Assim, “[...] Paulo conclui que Jesus é o cumprimento da promessa de bênção internacional, pois ele é a descendência abraâmica que media salvação para todos” (HOUSE, 2005, p. 95).

A história de Jesus Cristo tem início com o anúncio do anjo Gabriel a uma virgem da cidade de Nazaré, chamada Maria, escolhida por Deus para ser a arca da Nova Aliança. Após o seu sim, por meio do Espírito Santo, Maria concebeu o Filho de Deus em seu ventre. Como esposo, Deus preparou José, um carpinteiro da

⁵ Por Kénosis compreende-se a ação de esvaziamento, de auto aniquilamento, evoca também um profundo despojamento. Teologicamente, o termo faz referência à ação de renunciar às vontades pessoais para fazer a vontade de Deus, conforme será trabalho no quarto tópico do presente trabalho.

descendência de Davi, este por sua vez, descendente de Abraão (Cf. Mt 1, 1). O exemplo de fé abraâmico, mesmo com um certo tempo, continua ainda ressoando em meio àquela época, pois Maria ao agradecer Deus por realizar grandes maravilhas em sua vida, exclamou no *Magnificat*: “[...] Socorre Israel seu servo, recordando a lealdade, prometida a nossos antepassados, em favor de Abraão e sua descendência para sempre” (Lc 1, 54-55).

Cumprindo o que havia anunciado por meio dos profetas, nasce o Filho de Deus em Belém, na Judeia, a cidade de Davi. Naquele tempo, foi promulgado um decreto do imperador Augusto, que ordenava a todos se inscreverem no senso, cada um conforme a sua cidade de origem. Assim, José por ser descendente de Davi subiu a Belém para se inscrever junto com Maria e, eis que se cumpriu o tempo da gravidez. Ela deu à luz ao seu filho primogênito: “[...] hoje nasceu para vós na cidade de Davi o Salvador, o Messias e Senhor” (Lc 2, 11).

Seguindo os preceitos da época, no oitavo dia o recém-nascido foi circuncidado e recebeu o nome de Jesus, conforme o anjo do Senhor havia anunciado. Assim, a circuncisão de Jesus se tornou “[...] sinal de sua inserção na descendência de Abraão, no povo da Aliança, de sua submissão à Lei e de capacitação para o culto de Israel, do qual participará durante sua toda a vida” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA⁶ 527).

Completado o tempo necessário para a purificação na lei mosaica, Jesus foi levado ao templo de Jerusalém, onde foi apresentado e consagrado à Deus pelo velho Simeão, que voltando-se para Maria profetizou: “[...] Vê: Este está posto de forma que todos em Israel ou caiam ou se levantem; será uma bandeira disputada, e assim ficarão evidentes os pensamentos de todos. Quanto a ti, uma espada te atravessará” (Lc 2, 34-35). Após cumprir todos os preceitos, Jesus, Maria e José, retornaram para casa em Nazaré, na Galileia. “O menino crescia e se fortalecia, enchendo-se de saber; e o favor de Deus o acompanhava” (Lc 2, 40).

Conforme, as Sagradas Escrituras, a última informação da infância de Jesus é quando seus pais, em ocasião da celebração da Páscoa, vão a Jerusalém. Ao terminar a festa, enquanto Maria e José retornam, Jesus permaneceu lá sem que os pais soubessem, depois de três dias foi encontrado no templo escutando e

⁶ A partir dessa citação toda vez que for referenciado o Catecismo da Igreja Católica será utilizada a sigla CIGC (Catecismo da Igreja Católica).

ensinando os doutores da lei (Cf. Lc 2, 41-51). “Jesus progredia em saber, em estatura e no favor de Deus e dos homens” (Lc 2, 52).

Após essa passagem de Jesus Cristo aos doze anos, não há relatos documentados sobre a juventude e o início da vida adulta de Jesus. “Durante maior parte de sua vida, Jesus compartilhou a condição da imensa maioria dos homens: uma vida corriqueira. Sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica submetido à Lei de Deus, vida na comunidade” (ClgC 531).

O início da sua vida pública Jesus é marcado pelo seu Batismo às margens do rio Jordão por João Batista. Este anunciava o Reino de Deus e convidava a todos a se converterem. “O Batismo de Jesus é, da parte dele, a aceitação e a inauguração de sua missão de Servo sofredor. Deixa-se contar entre os pecadores; é, já, “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29)” (ClgC 536).

Após o seu Batismo, Jesus é conduzido pelo Espírito Santo ao deserto e ali permanece por quarenta dias jejuando (Cf. Lc 4, 1-13). “No final dessa permanência, Satanás o tenta por três vezes, procurando questionar sua atitude filial para com Deus. Jesus rechaça esses ataques que recapitulam as tentações de Adão no Paraíso e de Israel no deserto” (ClgC 538). Conseqüentemente, “[...] a vitória de Jesus sobre o tentador no deserto antecipa a vitória da Paixão, obediência suprema de seu amor filial ao Pai” (ClgC 539).

Jesus Cristo, impulsionado pelo Espírito Santo, retornou à Galileia e começou a ensinar nas sinagogas, sendo respeitado por todos (Cf. Lc 4, 14-15). Continuando a sua missão foi até Nazaré, onde foi criado, e conforme o costume entrou no dia de sábado na sinagoga e fez a leitura do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres; enviou-me a anunciar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor” (Lc 4, 18-19). Concluída a leitura, Jesus explicou a eles a passagem e acrescentou que naquele dia aquela profecia havia se cumprido. Mas, aquelas pessoas não O compreenderam e começaram a questionar: como o filho de José poderia falar tais coisas? Jesus atento a tudo que acontecia assinalou que nenhum profeta era bem-visto em sua pátria. Depois desse momento, Jesus se retirou e foi cumprir a sua vocação em outros lugares, os quais aceitariam a sua Palavra (Cf. Lc 4, 20-30).

A missão de Jesus ao anunciar o Reino Deus foi acompanhada por muitos sinais e milagres que aconteciam conforme Cristo anunciava, e isso possibilitou atestar que o reino de Deus está presente Nele, além de manifestar que Ele é o Messias anunciado. “Os sinais operados por Jesus testemunham que o Pai o enviou. Convidam a crer nele. Aos que a Ele se dirigem com fé, concede o que pedem. Assim, os milagres fortificam a fé naquele que realiza as obras de seu Pai: testemunham que ele é o Filho de Deus” (ClgC 548).

Jesus ao anunciar o Reino de Deus tinha o propósito de oferecer uma herança para as gerações posteriores; para que elas pudessem crer e professar a sua fé no Deus único e evitar cair na idolatria como os seus antepassados. Diante dessa necessidade, Jesus chamou os primeiros discípulos (Cf. Lc 5, 1-11), aqueles que seriam responsáveis por anunciar a Boa Nova e curar os enfermos, continuando, assim, a sua missão. Inicialmente, foram escolhidos doze discípulos, entretanto, com o anúncio do Reino de Deus e as conversões, mais pessoas foram se juntando para cumprir à vontade e conduzir o rebanho de Deus.

Jesus com seus discípulos percorreu várias regiões para anunciar a Palavra do Senhor, cada momento era uma catequese para o povo e também para os seus discípulos. Conforme passava o tempo, Jesus ia instruindo-os sobre o Reino de Deus e o que estava por vir, pois a sua Paixão se aproximava, mas eles ainda não O compreendiam, então, o Filho de Deus oferece aos seus seguidores diversos sinais, sendo o mais significativo o da sua Transfiguração: ao lado de Pedro, Tiago e João é manifestado a predileção de Deus, o Pai por seu Filho, Jesus Cristo (Cf. Lc 9, 28-36).

Nas Sagradas Escrituras a Transfiguração de Jesus quer reforçar para seus discípulos os seus ensinamentos sobre quem realmente era o Filho de Deus. Cristo se transfigura para que os seus seguidores O pudessem ver em glória, pois antes conheciam apenas a sua condição humana, agora já compreendem a sua divindade. O aparecimento de Moisés e de Elias simbolizam a Lei e os Profetas e, conseqüentemente, o Antigo Testamento. A voz de Deus vinda do céu: “Este é o meu Filho escolhido. Escutai-o” (Lc 9, 35b), representa que a Lei e os Profetas deviam dar lugar a Jesus. Dessa forma, o Novo Testamento se cumpre à luz do que foi profetizado no Antigo Testamento e a descendência de Abraão acolhe o Filho de Deus.

Em meio a sua missão, eis que ia se completando o tempo para Jesus cumprir o projeto do Pai, então, Ele toma a decisão de voltar para Jerusalém (Cf. Lc 9, 51). Tomando essa decisão, Jesus, já se encaminhava para ser entregue às autoridades religiosas que O perseguiam. Por três vezes já havia anunciado a sua Paixão e Ressurreição (Cf. Mc 8, 31-33; 9, 31-32; 10, 32-34). Antes de chegar à cidade, ainda se lembra do martírio dos profetas (Cf. Mt 23, 37a) e ao avistá-la de longe, chora e expressa o seu desejo sobre aquela cidade: levar a paz ao seu povo (Cf. Lc 19, 42).

Ao entrar em Jerusalém Jesus é aclamado como o filho de Davi, aquele que traria a salvação ao seu povo. “A entrada de Jesus em Jerusalém manifesta a vinda do Reino que o Rei – Messias vai realizar pela páscoa de sua morte e de sua ressurreição” (ClgC 560). Foi uma entrada triunfal, mas não como a mentalidade de realeza esperada pelos judeus, Cristo montou em um pequeno jumento para que pela humildade pudesse dar testemunho da Verdade, conforme já havia sido anunciado pelo profeta Zacarias (Cf. Zc 9,9).

Chegando a Páscoa, o dia dos ázimos, Jesus instruiu e pediu a Pedro e João para que pudessem preparar a ceia; eles saíram e encontraram tudo conforme o Senhor havia instruído (Cf. Lc 22, 7-13). Chegando a hora, Jesus e seus discípulos se reuniram ao redor da mesa. E o Mestre exclamou: “Como desejei comer convosco esta vítima pascal antes de minha Paixão!” (Lc 22, 15). Continuando o momento, Jesus “[...] tomando um pão, deu graças, o partiu e o deu, dizendo: – Isto é o meu corpo, que é entregue por vós. Fazei isto em minha memória. Igualmente tomou a taça depois de cear e disse: – Esta é a taça da nova Aliança, selada com o meu sangue, que é derramado por vós” (Lc 22, 19-20).

Ao proclamar tais palavras na última ceia, Jesus manifesta que Ele é a resposta da promessa divina: o Salvador, é a plenitude da Aliança; Aquele que veio para libertar e salvar a todos. A primeira Aliança foi incapaz de purificar os pecados dos seres humanos. Jesus, o Filho de Deus, é apresentado como o mediador da Nova Aliança; há uma relação com a antiga, mas nesta a promessa a Israel chega ao seu cumprimento. “O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-se a si mesmo, o aceita, em seguida, das mãos do Pai em sua agonia no *Getsêmani*, “tornando-se obediente até a morte”” (ClgC 612, grifo do autor).

Após anunciar quem O trairia: Judas Iscariotes, e predizer as negações de Pedro, Jesus dirigiu-se ao monte das Oliveiras com alguns de seus discípulos e lá rezou pedindo que a vontade de Deus pudesse se realizar (Cf. Lc 22, 39-46). Prevendo já sua prisão, despertou os discípulos e encontrou-se com Judas e os soldados que o prenderia. Eis que com um beijo, Jesus é entregue por Judas (Cf. Lc 22, 47-53).

Jesus primeiro é levado ao Conselho, que era composto pelos sumos sacerdotes, senadores e escribas, para que fosse interrogado (Cf. Lc 22, 63-71). Depois, foi conduzido a Pilatos, que não encontrou nenhum crime que por Ele fosse cometido e O remeteu a Herodes. Este também não encontrando mal algum reenvia para Pilatos, que se reuniu com os sumos sacerdotes, os chefes e o povo. Pilatos queria soltá-lo, entretanto, temendo uma revolta do povo soltou Barrabás, um outro prisioneiro, e entregou Jesus nas suas mãos, que o condenaram a crucifixão (Cf. Lc 23, 1-25).

Antes de percorrer o caminho do Calvário, Jesus foi despido, maltratado e açoitado pelos soldados que faziam a sua guarda. Depois de ser flagelado foi colocado em sua cabeça uma coroa de espinhos e Lhe foi entregue a cruz para leva-la até o local da crucifixão (Cf. Mt 27, 27-31). “Era meio-dia. Toda a região escureceu até a metade da tarde, ao faltar o sol. O véu do templo se rasgou pelo meio. Jesus gritou com voz forte: – Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito. Dito isso, expirou” (Lc 23, 44-46). Assim, o Filho de Deus fez de sua morte na Cruz uma oblação única e definitiva:

A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o sacrifício pascal, que realiza a redenção definitiva dos homens pelo “cordeiro que tira o pecado do mundo”, e o sacrifício da Nova Aliança, que reconduz o homem à comunhão com Deus, o reconciliando com ele pelo “sangue derramado por muitos para remissão dos pecados” (ClgC 613, grifo do autor).

A partir da entrega de sua vida na Cruz, Jesus oferece a toda humanidade a remissão dos pecados e o acesso a Deus. A partir desse gesto, a salvação é possível graças à Nova Aliança, que foi fundada no sangue de Cristo, conforme destaca a carta aos Hebreus: Cristo “[...] é mediador de uma Aliança nova, para que, intervindo uma morte que livra das transgressões cometidas durante a primeira Aliança, os chamados possam receber a herança eterna prometida” (Hb 9, 15).

Na véspera do sábado, o dia mais importante para os judeus, pediram que tirassem os corpos de Jesus e dos dois que foram crucificados ao seu lado, destes quebraram as pernas e ao chegarem perto de Jesus, vendo que Ele estava morto o transpassaram com uma lança próximo ao coração, o qual jorrou sangue e água (Cf. Jo 19, 28-37). José de Arimateia, com medo dos judeus, pediu para que pudesse sepultar o corpo de Jesus; ao receber a resposta positiva de Pilatos, foi juntamente com Nicodemos e sepultaram o corpo de Jesus em um jardim próximo do Calvário em um túmulo novo (Cf. Jo 19, 38-42).

Cumprindo as Sagradas Escrituras e o que os profetas haviam anunciado, Jesus ressuscitou ao terceiro dia, vencendo a escravidão do pecado. Após a ressurreição, Cristo apareceu para Maria Madalena (Cf. Jo 20,14-18), para Pedro (Cf. Lc 24, 34) para os discípulos e a inúmeras pessoas para que pudesse anunciar a vitória da vida sobre o pecado, a vontade de Deus que se cumpriu e que a salvação chegou para todos. Com a ressurreição desponta um novo tempo, ressuscitado na glória, Jesus derrama o Espírito Santo nos corações dos seres humanos, formando novas criaturas, a lei de Deus é plenamente realizada, o que Deus prometeu gratuitamente, se cumpre misericordiosamente (Cf. ClgC).

Destarte, a missão de Jesus em anunciar o Reino de Deus foi coroada com o sacrifício na Cruz demonstrando que o Senhor ama a todos os seus filhos. Jesus, esvaziando de si mesmo, se revela sacerdote, altar e cordeiro se doando sem medidas para que a Nova Aliança se cumprisse, eis o profundo mistério da Kénosis.

4 A KÉNOSIS DE ABRAÃO COMO PREFIGURAÇÃO DO SACRIFÍCIO SALVÍFICO DE CRISTO

A missão de Abraão e de Jesus Cristo se relacionam à medida que a vinda do Filho de Deus é a realização da promessa feita a Abraão e à sua descendência, portanto, o cumprimento da Aliança. É possível analisar que o chamado de Abraão e a continuação da sua missão por seus descendentes, o que constitui o Antigo Testamento, atinge o seu ápice na encarnação do Verbo. Deus assumindo a condição humana, sendo semelhante em tudo, exceto no pecado, dá início ao Novo Testamento e confirma as palavras anunciadas no Antigo. Nessa perspectiva, “[...] o

Novo Testamento está escondido no Antigo, ao passo que o Antigo é desvendado no Novo” (ClgC 129).

Observada essa relação entre o Antigo e o Novo Testamento nas Sagradas Escrituras é possível traçar um paralelo entre a renúncia de Abraão e de seu filho Isaac com a doação da vida de Cristo na Cruz sob a perspectiva da Kénosis, do profundo esvaziamento. Nesse sentido, qual a relação que pode ser estabelecida entre a Kénosis de Abraão e o sacrifício de Jesus Cristo?

O substantivo Kénosis é derivado do verbo grego *kenóō κενόω*, o qual se refere ao esvaziamento da vontade própria e à aceitação do desejo divino de Deus, uma auto aniquilação. No Novo Testamento tem o seu fundamento bíblico na carta aos Filipenses (Cf. Fl 2, 6-11) com o esvaziamento de Jesus, que se submeteu a vontade de Deus e assumiu a condição humana (BORN, 1977).

A origem da palavra kénosis ao longo da história foi associada a São Paulo em virtude de tal termo aparecer nas Sagradas Escrituras em uma de suas cartas. Entretanto, o conceito kenótico faz parte de um hino pré-paulino, que, possivelmente, Paulo o completou. O caráter protopaulino é identificado pela ausência de uma teologia da ressurreição, na tricotomia cósmica e no número elevado de hepaxlegômena⁷. “Além disso, o teor original do hino é soteriológico, enquanto em Filipenses foi aplicado em sentido ético” (BORN, 1977, p. 1247).

A tradução do hino é incerta, pois os recursos utilizados, como por exemplo: hepaxlegômena, termos vagos, apocalípticos, como: forma, imagem, semelhança, figura; pelas possíveis lembranças ao Servo de Javé e ao mito de Adão, além da carga hereditária presente dogmática, não permite uma tradução plenamente confiável conforme os recursos linguísticos utilizados. O sentido da palavra kénosis deve estar entre a natureza ontológica e a aparência ou figura empírica. “É a figura enquanto exprime a essência (o que, portanto, se aproxima da noção de “natureza”), mas que, como no caso de Jesus, pode estar ausente e, por conseguinte, tem também algo de um “modo de aparecer” (BORN, 1977, p. 1247). O limite até o qual pode ser estabelecida a atitude kenótica se refere à igualdade com os homens, que consiste na atitude de assumir a plenitude humana, embora transcendendo-a enquanto sujeito da mesma (BORN, 1977).

⁷ Refere-se à palavra que aparece registrada somente uma vez em um idioma específico.

Sobre a Kénosis, os Santos Padres afirmaram que Jesus Cristo, o Filho de Deus, já estava na posse permanente da natureza divina e assumiu a humana. Tal argumento se deu em virtude de defenderem a passagem de Filipenses contra a interpretação errônea de Ario, que usava o mesmo texto como argumento contrário à divindade de Cristo. Dessa forma, a Kénosis nesse período foi interpretada como a atitude de Jesus esvaziar-se de sua condição de Deus para assumir a natureza humana para cumprir os desígnios de Deus, porém, sem deixar de ser Deus (BORN, 1977).

A kénosis deve ser entendida não apenas como algo ontológico, simplesmente existencial, mas como um agir existencial. A kénosis é a ação de Deus presente na história; uma presença atuante, que, esvaziando-se, não quis ser tratado como Deus, mas como servo. O Deus que se faz servo-escravo é aquele que escandaliza a lógica do prepotente e quebra toda arrogância como caminho de realização humana (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 113).

A palavra Kénosis é fruto de uma herança deixada pela Patrística Oriental, que remete ao movimento e à dinamicidade de Deus que vai ao encontro do ser humano através de seu Filho Unigênito. Jesus ao se encarnar despoja-se de sua divindade em um auto esvaziamento, sem deixar de ser Deus, se entregando inteiramente sem pedir nada em troca. A atitude kenótica de Jesus, o Filho de Deus, é um ato de humildade por amor, um doar-se totalmente, fazer-se um com os outros (SANTOS; XAVIER, 2008).

O esvaziamento de Jesus Cristo no alto da Cruz por amor, demonstra que Deus “se despoja de toda a sua divindade para se relacionar com o humano e chega a despojar-se totalmente para ser servo. A kénosis é ação de um Deus totalmente entregue ao outro para se relacionar e se encontrar no outro” (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 115). Tal atitude divina mostra o desejo de Deus por meio do testemunho da doação, para que seus eleitos possam seguir esse exemplo. “O humano, em Deus, é chamado a ser kenótico, a entrar em relacionamento com Deus e com o outro. É chamado a se esvaziar para se encontrar no outro” (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 115).

A kénosis de Abraão é observada, inicialmente, pela sua atitude de fé, pelo esvaziamento de sua vontade, pela postura de colocar-se a caminho confiando plenamente no Senhor e em sua Palavra. “Deus percebe o valor e a natureza

enérgica da fé e reconhece que ela é o primeiro passo rumo à ação de obediência” (HOUSE, 2005, p. 93). A fé abraâmica é o sustento, a base para a Aliança entre Deus e Abraão e, conseqüentemente, com todo o povo de Israel.

Anos após a celebração da Aliança entre Abraão e o Senhor, Abraão tem diante de si a prova mais importante de sua fé. Após uma espera de 25 anos acolhe o herdeiro da promessa divina e tem sua fé provada: Deus ordena que ele sacrifique Isaac, conforme destaca o livro de Gênesis: “[...] Deus pôs Abraão à prova, dizendo-lhe: – Abraão! Respondeu: – Aqui estou! Deus lhe disse: – Pega teu filho único, teu querido Isaac, vai ao país de Moriá, e aí o oferecerás em sacrifício num dos montes que eu te indicarei” (Gn 22, 1-2).

Sem hesitar, Abraão levou seu filho e o preparou para ser sacrificado (Cf. Gn 22, 3-8). Quando chegaram ao lugar indicado por Deus, Abraão preparou um altar e estava prestes a sacrificar Isaac quando um anjo do Senhor lhe diz: “Deus lhe ordenou: – Não estendas a mão contra teu filho, nem lhe faças nada. Já comprovei que respeitas a Deus, porque não me negaste teu filho, teu filho único” (Gn 22, 12). Abraão confiou no Senhor mesmo diante do impensável, que era sacrificar o próprio filho, do qual dependeria sua descendência, e em virtude disso Deus o honrou renovando as suas bênçãos prometidas.

Nesta perspectiva, a fé prototípica de Abraão converge para a construção de um acontecimento que guarda capacidade de funcionar como a matriz simbólica do drama da redenção da humanidade na medida em que se o patriarca hebreu protagoniza o papel que ao Pai Celestial caberá no ato de oferecimento do Seu próprio Filho em sacrifício, Isaque demonstra disposição de obedecer até a morte, tal como Jesus Cristo que, embora na condição de Deus-Homem, submete-se até o fim ao propósito de Deus-Pai, que demanda a sua crucificação para a remissão dos pecados e para a salvação de todo aquele que crê (ROSA, 2018, p. 21).

Abraão no Antigo Testamento a partir da sua renúncia, de deixar sua pátria natal, seus familiares e ter a coragem de oferecer seu filho Isaac em sacrifício como o Senhor havia pedido, se tornou o protótipo, a prefiguração do sacrifício, sinal da renúncia de Deus por meio de Jesus Cristo. Dessa forma, “o processo que envolve o ato de Abraão prenuncia a morte e a ressurreição do Filho de Deus” (ROSA, 2018, p. 21).

Conforme destaca as Sagradas Escrituras, o primeiro Patriarca foi o antecessor do Messias (Cf. Mt 1,1) e pai de todo o povo de Israel segundo a carne

(Cf. Mt 3,9). Pelo mérito da fé, Abraão se tornou o pai espiritual de todos aqueles que creem em Deus, o Pai de todos (Cf. Rm 4, 11-16). “[...] Existem muitos caminhos para a unidade das Escrituras, mas ninguém ousa negligenciar o papel de Abraão nessa unidade. Israel surge na condição de descendente de Abraão. Davi é um descendente de Abraão israelita, e o messias procede de sua linhagem” (HOUSE, 2005, p. 95).

Observada essa aproximação teológica entre a kénosis de Jesus na Cruz e a oferta de Isaac em sacrifício por Abraão, à luz das Sagradas Escrituras é possível perceber algumas indicações a partir do Antigo Testamento que se confirmaria com o Novo Testamento: Isaac era o filho da promessa que nasceu no tempo determinado por Deus (Cf. Gn 18, 14; 21, 1-2). O nascimento de Jesus, o Filho de Deus, é o cumprimento da promessa (Cf. Is 7, 14/ Mt 1, 23). Isaac era o filho amado de seu pai (Cf. Gn 22,2), assim, como Jesus era o Filho unigênito muito amado pelo Pai (Cf. Jo 3, 16).

Outro paralelo que pode ser traçado entre Antigo e Novo Testamento consiste no caminho feito pelos filhos da promessa, Isaac e Jesus, em direção ao altar do sacrifício: Abraão estava com Isaac (Cf. Gn 22, 5), assim, como Deus caminhava com o seu Filho (Cf. Sl 22, 1.24/ Mc 15, 22). Isaac carregou consigo a lenha para o seu sacrifício (Cf. Gn 22, 6), bem como Jesus carregou o madeiro da Cruz (Cf. Jo 19, 17-19).

Abraão e Isaac caminhavam juntos em direção ao monte do sacrifício (Cf. Gn 22, 7-9) como o Senhor estava com Jesus em todos os momentos de seu sofrimento (Cf. Jo 16, 32). A fé abraâmica ofertou Isaac voluntariamente (Cf. Gn 22, 7-10) e Deus ofereceu o seu Filho voluntariamente (Cf. Jo 3, 16.18). Ao descobrir que ele era o sacrifício, Isaac aceita a condição imposta para que a Palavra de Deus pudesse se cumprir (Cf. Gn 22, 7-10), assim, como Jesus se entregou gratuitamente para que se cumprisse o projeto do Pai (Cf. Ef 2, 25).

Cristo, em um de seus ensinamentos, recordou que o Seu sacrifício seria a alegria completa do primeiro Patriarca diante do cumprimento da promessa feita a ele: “Vosso pai Abraão se alegrava esperando ver meu dia: viu-o e se alegrou” (Jo 8, 56). Esse dia em questão apresentado por Jesus da alegria abraâmica é o dia de Seu próprio sacrifício, o ápice do cumprimento da promessa: “mas com o precioso

sangue de Cristo, cordeiro sem mancha nem defeito, predestinado antes da criação do mundo e revelado no final dos tempos, em vosso favor” (1 Pd 1, 19-20).

No altar do sacrifício Isaac é oferecido a Deus em figura, pois não houve a sua imolação (Cf. Tg 2, 21), já Cristo foi imolado na realidade (Cf. Lc 23, 46). Simbolicamente ao ser tirado do altar, Isaac lembra a Ressurreição (Cf. Gn 22, 12), Jesus ao terceiro dia ressuscita realmente (Cf. At 3, 25-26). No monte Moriá, Deus provê o carneiro para ser sacrificado no lugar do filho de Abraão (Cf. Gn 22, 13), enquanto no Calvário Jesus é o próprio cordeiro a ser imolado (Cf. Jo 1, 29). Isaac foi contemplado pelo Anjo de Senhor quando estava no altar do sacrifício (Cf. Gn 22,11). Jesus não pôde ser contemplado pelo Pai quando estava crucificado (Cf. Mc 15,34). Aqui estava sendo oferecido um sacrifício perfeito, conforme está indicado em Hb 9,22-28. Isaac depois do sacrifício voltou para casa de seu pai Abraão (Cf. Gn 22,19). Jesus depois da Ressurreição retornou para junto do Pai (At 1,10-11).

Dessarte, observa-se que a atitude de fé e a Kénosis de Abraão no Antigo Testamento foram essenciais para que Aliança de Deus se cumprisse por meio de Jesus Cristo. O Novo Testamento confirmou o que havia sido profetizado no Antigo. Como a fé abraâmica foi capaz de oferecer o seu unigênito em sacrifício, Deus gratuitamente e sem merecimento por parte do homem, se fez humano e se ofereceu, por meio de Cristo, para a remissão de todo o gênero humano. A partir dessa entrega, todos os cristãos são convidados a seguir tal exemplo kenótico: “a kénosis é viva, atuante; chama à experiência e a ser experimentada; a ser vivida, atualizável e atuante através da ação do Autor Deus, e dos co-autores da vida: os homens” (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 113).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Abraão, de maneira especial a sua vocação, é um convite encantador e desafiador, a escuta e a pronta resposta ao chamado divino em uma atitude de fé inexplicável. Foi capaz de renunciar a tudo para partir em busca de algo novo, apenas confiando nos desígnios de Deus. A figura abraâmica mesmo com suas fraquezas e seus limites foi exemplo de fidelidade e de docilidade à Palavra do Senhor, demonstrando que mesmo diante da tempestade, do que seria impossível ser alcançado, aquele que crê e confia em Deus, sempre vencerá.

A partir desse exemplo da vocação abraâmica, Deus fez com toda humanidade uma Aliança alicerçada no amor, que se cumpre plenamente na doação de Jesus no alto da Cruz. Tal sacrifício salvífico do Filho de Deus foi prefigurado por Abraão e Isaac no Antigo Testamento. A primeira renúncia de Abraão foi deixar sua terra, seus familiares e seus bens em direção à terra prometida pelo Senhor, repleto de uma profunda esperança. A segunda grande renúncia da parte abraâmica foi oferecer Isaac, o filho da promessa tão esperado, para cumprir os desígnios divinos.

Pautando-se nesses dois exemplos, dentre outros, do esvaziamento de Abraão para cumprir a vontade de Deus, temos o protótipo do aconteceria no Novo Testamento na auto aniquilação de Cristo, que primeiro saindo de junto de Deus se rebaixou à condição de ser humano e depois, foi imolado como sacrifício pelo perdão dos pecados de todo o gênero humano, entretanto, sem deixar de ser Deus.

A reflexão sobre a atitude kenótica de Abraão e de Jesus, assim como na carta aos Filipenses, quer encorajar os filhos de Deus a seguir tal exemplo e a partir dele promover a unidade entre a comunidade, pois se o Cristo, o Filho de Deus, renunciou a sua condição divina para se fazer servo, esvaziou-se, obedientemente, até o seu sacrifício no altar da santa Cruz, o ser humano é convidado a doar-se, entregar-se pelo próximo, pelo seu irmão, para que possa usufruir da condição de ser filho de Deus.

THE KENOSIS OF ABRAHAM AS A PREFIGURATION OF THE SALVIFIC SACRIFICE OF CHRIST

ABSTRACT

The vocation of Abraham, the first patriarch, has a special place in subsequent generations of the promise, because besides being the first vocational call in the Sacred Scriptures, it represents the example of a prompt response, without fear and with a profound hope in God through his faith. From his attitude of saying yes to the divine designs, he was the first link in the alliance between God and humanity, from such a gesture he guaranteed various blessings for all his descendants. Welcoming the Word of God, he was able to renounce his own son Isaac to offer him in sacrifice, a fact that became in the Old Testament the prefiguration of the saving sacrifice of

Jesus on the Cross, the full accomplishment of God's covenant with all human beings. Since Abrahamic faith was able to offer his only begotten son in sacrifice, God, without wanting anything in return, took on the human condition and gave himself up, through Christ, for the remission of the sins of all mankind, this is the true meaning of kenosis, which brings Abraham and Jesus together.

Keywords: Kénosis. Abraham. Prefiguration. Sacrifice. Jesus Christ.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia do Peregrino**. 3 ed. Comentários de L. A. Schöckel. São Paulo: Paulus, 2017.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2017.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Redondo e Sueli Silva Saraiva. São Paulo: Editora Vida, 2005.

PERONDI, Ildo. A vocação de Abraão. **Revista Pistis Praxis**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 327-343, jul./dez. 2013.

QUENOSE. In: BORN, A. Van Den. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. 3 ed. Tradução Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1977.

ROSA, Luiz Carlos Mariano da. Abraão, “Pai da fé” e “Amigo de Deus”, como protótipo de um novo modo de existência em Mircea Eliade e a fé como relação absoluta com o absoluto em Kierkegaard. **Revista Litterarius**, Santa Maria, v. 17, n. 1, p. 1-25, 12 jul. 2018.

SANTOS, Eduardo dos; XAVIER, Donizete José. A Descida do Deus Trindade: A Kénosis da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, v. 16, n. 62, p. 111-123, jan./mar. 2008.